

## ASSIM TOMAMOS ROMA – (2)

*Benito Mussolini*

Roma aguçou o meu sentido de dedicação. A Cidade Eterna, *caput mundi*, tem duas Cortes e duas diplomacias. No decurso dos séculos, viu exércitos imperiais serem derrotados sob as suas muralhas. Testemunhou a queda dos fortes e o erguer de ondas universais de civilização e de pensamento. Roma, o objectivo ambicionado por príncipes e líderes, a cidade universal, herdeira do Velho Império e da força do Cristianismo! Roma deu-me as boas vindas como chefe das legiões nacionais, como representante, não de um partido ou de um grupo, mas com uma fé enorme de um povo inteiro.

Tinha meditado longamente sobre o que seria a minha acção como homem de partido e membro do governo. Levava comigo esses pensamentos quando caminhava de dia e mesmo quando à noite dormia. Havia vencido e sentia que podia vencer ainda mais. Podia ter encostado à parede, não só metaforicamente mas na verdadeira acepção do termo, se tivesse querido, os meus inimigos, esses que tinham insultado o Fascismo e aqueles que odiava por terem traído a Itália em paz como a tinham traído durante a guerra.

A atmosfera estava prenhe com a possibilidade de uma tragédia. Eu tinha mobilizado cem mil *Camisas Negras*, que apenas aguardavam o meu sinal para se moverem. Podiam ser usados para qualquer fim. Na capital, tinha sessenta mil homens armados, prontos para entrar em acção. A Marcha sobre Roma podia ter acendido incêndios trágicos. Poderia ter provocado um grande derramamento de sangue se tivesse seguido o exemplo de revoluções antigas e modernas. Para mim, fora um momento no qual era mais necessário do que nunca examinar o terreno com serenidade e, com raciocínio frio, comparar os resultados próximos e futuros da nossa audaciosa acção, quando orientados para os objectivos finais.

Eu podia ter declarado uma ditadura, podia ter constituído um governo ditatorial, composto unicamente por Fascistas, do tipo do Directório que foi formado em França por ocasião da Convenção. A revolução fascista, porém, tinha as suas próprias características; não tinha antecedente na história. Era diferente de qualquer outra revolução, também na sua capacidade de regressar, com deliberado propósito, a tradições e formas legais estabelecidas. Também por essa razão, sabíamos que a mobilização devia durar o mais curto tempo possível.

Pela minha parte, não esquecia que tinha nas mãos um Parlamento; uma Câmara de Deputados de mentalidade hostil, pronta a estender-me armadilhas, acostumada que estava à velha tradição da ambiguidade e da intriga, cheia de ressentimentos, somente contida pelo medo; um Senado desmoralizado, do qual podia obter um respeito disciplinado mas não uma colaboração entusiástica e produtiva. A Coroa ficava a ver o que eu faria, seguindo as regras constitucionais.

O Pontificado seguiu os acontecimentos com ansiedade. As outras nações olharam para a revolução suspeitosamente, se não com hostilidade. Os bancos estrangeiros ansiavam por notícias. O câmbio oscilou, o crédito ainda vacilava, aguardando que a situação se clarificasse. Era indispensável, antes de tudo mais, dar ao novo regime a imagem de estabilidade.

Tinha que ver, superintender e prever em todas as matérias. Durante algumas noites, não dormi de todo, mas foram noites fecundas, em acção e em ideias. As medidas que imediatamente foram tomadas, nas primeiras vinte e quatro horas do meu governo, assim o testemunham.

Levantou-se outra questão, decorrente do carácter da revolução. Todas as revoluções têm, em si mesmas, além do impacto da grande massa humana e dos líderes conscienciosos e altruístas, dois outros tipos: intelectuais aventureiros e melancólicos, os quais podem ser designados, numa expressão sintética, como ascetas da revolução. Quando a revolução termina, as massas, que frequentemente são movidas pela simples intuição de uma realidade de grandeza histórica e social, vão pacificamente de volta para as suas actividades habituais. Aí constituem o fermento do novo regime. Os líderes conscienciosos e altruístas formam a necessária aristocracia

dos governantes. Mas os ascetas e os aventureiros tornam-se um peso morto. Os primeiros desejariam ver, de um dia para o outro, uma humanidade perfeita, sem falhas. Não são capazes de entender que não há revolução que possa mudar a natureza do homem. Porque, nas suas utópicas ilusões, os ascetas nunca se consideram satisfeitos; gastam o seu tempo e as energias de outros homens em sofismas e dúvidas, justamente quando é necessário trabalhar duramente para andar para diante. Os aventureiros sempre identificam a sorte de uma revolução com a sua própria sorte; esperam obter vantagens pessoais da vitória e albergam ressentimentos quando os seus desejos não são satisfeitos, clamando por medidas extremas e perigosas.

Agora, cabia-me defender a vitória fascista dos ascetas e dos aventureiros. Os aventureiros, no entanto, afundaram-se rapidamente na revolução fascista, porque ela era diferente e num plano mais elevado do que qualquer outra revolução.

Mas senti que era meu dever permanente examinar e ponderar, nesse grave momento, cada passo que dava.

Primeiro que tudo, na pressão dos acontecimentos, fiz questão de assegurar ao país uma normalidade e constituir um novo governo. A ordem regressou rapidamente. Registaram-se, apenas, alguns incidentes de violência esporádicos, inevitáveis nas condições em que estávamos. Senti que era necessário garantir a salvaguarda de Facta<sup>1</sup> e chamei dez *Camisas Negras*, cada um deles altamente condecorado por bravura, para acompanharem Facta até Pinerolo, a sua cidade natal, obrigando-os a empenhar a sua palavra de honra. Cumpriram a promessa. “Ninguém” – assim era a ordem – “pode ser autorizado a tocar num cabelo, a escarnecer ou humilhar o senhor Facta”. Ele havia dado ao país o seu único filho, o qual morrera num acidente aéreo durante a guerra, e Facta merecia respeito, por isso e por mais.

Proibi as represálias contra os dirigentes das oposições. Foi só devido à minha grande autoridade que foi evitada a destruição, não apenas retórica mas também real, dos meus mais assanhados inimigos. Salvei-lhes literalmente a pele. Ao mesmo tempo, no espaço de poucas horas, constituí o novo Ministério. Descartei, como atrás referi, a ideia de uma ditadura fascista, porque pretendia dar ao país uma imagem de vida normal, livre das exclusividades egoístas de um partido. Este sentido de instinto pelo equilíbrio acompanha-me, felizmente, nos momentos mais graves, mas estrénuos e mais críticos. Decidi, então, depois de atentar todas as circunstâncias, compor um ministério de carácter nacionalista.

Tinha tido o pressentimento, como tive então, que mais tarde haveria um inevitável processo de clarificação; mas preferi que ele acontecesse espontaneamente, a partir dos acontecimentos políticos que se seguissem.

Mas esse era o último gesto generoso que teria para com o velho arco de partidos e políticos italianos.

No novo ministério, entre ministros e subsecretários de Estado, estavam quinze Fascistas, três Nacionalistas, três Liberais da direita, seis “Populares” e três Social-Democratas. Fui generoso para com os Liberais de direita, cuja manobra peculiar, para tirarem proveito do resultado da revolução fascista, tinha sido bem recente. Entre os “Populares” e Social-Democratas, escolhi aqueles que davam sinais de um espírito nacional e que não tinham pactuado com o popularismo subversivo ou com o socialismo.

Reservei para mim, com a Presidência do Conselho, a pasta do Interior, e assumi, interinamente, a dos Negócios Estrangeiros. Dei a Armando Diaz o Ministério da Guerra e prometi dar-lhe um Exército digno do país e do vencedor de Vittorio Veneto. Chamei o almirante Thaon di Revel para a Marinha e Federzoni para as Colónias. [...]

Quando o ministério ficou completo, escrevi o seguinte documento de desmobilização, assinado pelo Quadrunvirato:

*Fascistas de toda a Itália!*

*O nosso movimento foi coroado pela Vitória. O Duce do nosso exército assumiu os poderes políticos do Estado para o Interior e os Negócios Estrangeiros. O novo governo, ao mesmo*

---

<sup>1</sup> Luigi Facta era o chefe de governo cessante. (Nota do tradutor)

*tempo que consagra o nosso triunfo com o nome daqueles que foram os seus artífices, por terra e por mar, integra, em nome da pacificação nacional, homens também de outros partidos, mas devotados à causa da Nação.*

*O Fascismo italiano é demasiado inteligente para desejar uma vitória estrondosa.*

*Fascistas!*

*O quadrunvirato supremo de acção, devolvendo os seus poderes à Direcção do Partido, agradece-vos a magnífica prova de disciplina e saúda-vos. Haveis mostrado bem o vosso mérito no futuro da Pátria.*

*Desmobilizai com a mesma ordem perfeita com a qual vos reunistes para a grande prova, destinada – estamos certos – a abrir uma nova época na história italiana. Voltai às tarefas habituais, uma vez que a Itália precisa agora de trabalhar tranquilamente, para alcançar a sua maior prosperidade. Que nada venha perturbar a robusta ordem da Vitória que trouxemos de volta, nestes dias de soberba paixão e de soberana grandeza!*

*Viva Itália! Viva o Fascismo!*

A seguir, enviei um telegrama a D'Annunzio e distribuí uma enérgica circular a todos os Prefeitos do Reino e às autoridades inferiores. O telegrama para D'Annunzio dizia:

*Ao assumir a árdua tarefa de dar disciplina e paz interna à Nação, envio-lhe, Comandante, as minhas afectuosas saudações, para si e pelos destinos do país. A valente juventude fascista, que devolve uma alma à Nação, não colocará uma venda na Vitória. Mussolini.*

O texto da circular para os detentores de cargos públicos dizia o seguinte:

*A partir de hoje, capacitado com a confiança de Sua Majestade o Rei, assumo a direcção do governo do país. Ordeno que todas as autoridades, das mais altas às mais inferiores, desempenhem os seus deveres com inteligência e com completa observação dos supremos interesses do país.*

*Darei o exemplo.*

*O Presidente do Conselho e Ministro do Interior.*

*Mussolini.*

Por fim, anunciei para 16 de Novembro uma sessão na Câmara dos Deputados, para dar conta do que tinha feito e para tornar públicas as minhas intenções e o meu programa.

Foi uma sessão excepcional. A sala estava cheia a deitar por fora. Todos os deputados se encontravam presentes. As minhas declarações foram breves, claras e firmes. Não enganei ninguém. Estabeleci com minúcia os direitos da revolução. Chamei a atenção da audiência para o facto de somente pela vontade do Fascismo a revolução se contivera nos limites da legalidade e da tolerância.

*Podia ter feito”, disse eu, desta sala surda e cinzenta, um bivaque de manípulos; podia ter mandado pregar as portas do Parlamento e constituir um governo exclusivamente de Fascistas. Podia: mas não quis, ao menos neste primeiro tempo.*

Agradei, então, a todos os meus colaboradores e referi com simpatia a multidão de trabalhadores italianos que auxiliaram o movimento fascista com a sua solidariedade, activa ou passiva.

Não apresentei um dos programas usuais, como os anteriores ministérios costumavam fazer; porque esses só resolviam os problemas do país no papel. Afirmei o meu empenho em agir e em fazê-lo sem esperar por uma oratória inútil. No campo da política externa, declarei, sem rodeios, a intenção de seguir uma “política de dignidade e de utilidade nacional”.

Em todos os assuntos proferi declarações fortes, que mostraram como o Fascismo tinha já sido capaz de analisar e resolver diversos problemas urgentes e de fixar as orientações futuras do governo. Por fim, concluí do seguinte modo:

*Senhores!*

*De comunicações ulteriores terão oportunidade de conhecer o programa fascista em todos os pormenores e por cada um dos ministérios. Não pretendo, enquanto me for possível, governar contra a Câmara: mas a Câmara deve ter noção da sua posição particular, que a torna passível de dissolução, daqui a dois dias ou daqui a dois anos.*

*Pedimos os plenos poderes porque queremos assumir a plena responsabilidade. Sem os plenos poderes, sabeis muitíssimo bem que não se faria uma lira – digo uma lira – de economia. Com isso não tencionamos excluir a possibilidade de colaborações voluntárias, que aceitaremos cordialmente, que partam de deputados e senadores ou de simples cidadãos competentes. Temos, cada um de nós, o sentido religioso da nossa difícil tarefa. O país conforta-nos e espera.*

*Não lhe daremos mais palavras mas obras. Prestamos compromisso formal e solene de sanear o orçamento e saneá-lo-emos. Queremos conduzir uma política externa de paz, mas simultaneamente de dignidade e firmeza: e assim faremos. Nenhum dos adversários de ontem, de hoje e de amanhã, se iluda quanto à brevidade da nossa passagem pelo poder. Ilusões pueris e tolas, como aquela de ontem. O nosso governo tem bases formidáveis na consciência da Nação e é sustentado pelas melhores gerações jovens italianas.*

*Não há dúvida de que, nestes últimos dias, foi cumprido um passo gigantesco na direcção da unificação dos espíritos. A Pátria italiana reencontrou-se uma vez mais, de Norte a Sul, do continente às ilhas generosas, que não serão mais esquecidas pela metrópole, às operosas colónias do Mediterrâneo e do Atlântico<sup>2</sup>. Não atirem, senhores, outros palavreados vãos à Nação. Cinquenta e dois inscritos para falar acerca da minha comunicação são demasiados.*

*Trabalhamos mais com o coração puro e com a mente viva para assegurar a prosperidade e a grandeza da pátria.*

*Assim Deus me ajude a conduzir a minha árdua tarefa a um termo vitorioso.*

Não creio que, desde 1870, a sala de Montecitorio<sup>3</sup> tenha ouvido palavras tão firmes e claras. Saíram, com inflamada paixão, do mais fundo do meu ser. Neste discurso, estava a essência da minha velha e recente luta com a minha mente e a minha alma. Mais do que um deputado teve de reprimir o rancor gerado pelas minhas merecidas censuras; mas a minha exposição no parlamento era premiada com a aprovação de toda a Itália. Eu estava a olhar para lá daquela sala de partidos de poder insignificante e de políticos. Eu estava a falar para toda a nação. E ela escutava-me e entendia-me.

---

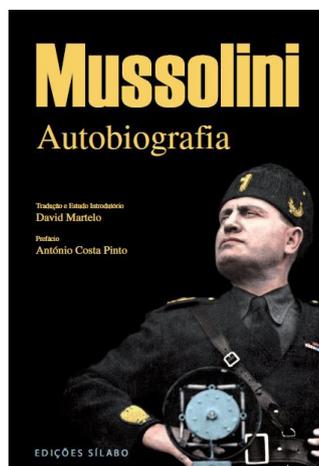
<sup>2</sup> A Itália nunca teve colónias no Atlântico, a menos que Mussolini se referisse às "colónias de emigrantes" da América. Trata-se de uma expressão equívoca que aparece não só no original, em inglês, como na versão italiana dos discursos de Mussolini, que pode ser lida em <http://www.adamoli.org/benito-mussolini/pag0169-09.htm>. (Nota do tradutor)

<sup>3</sup> O Palácio de Montecitorio é a sede da Câmara dos Deputados.

O meu instinto político dizia-me que, a partir daquele momento, iria erguer-se, com crescente verdade e crescente expansão da actividade fascista, a aurora de uma nova história para a Itália.

E, talvez, a aurora de uma nova senda de civilização...

Tradução de David Martelo



Este texto é parte do capítulo VII de